

O VÍRUS BANDIDO:
LINGUAGEM E POLÍTICA NA PANDEMIA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

HERONIDES MOURA

O vírus bandido:
linguagem e política
na pandemia

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

M865v Moura, Heronides

O vírus bandido : linguagem e política na pandemia / Heronides Moura. –
Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2023.

1. Covid-19. 2. Pandemia – Brasil – Aspectos políticos. 3. Epidemias –
Prevenção. 4. Identidade social. I. Título.

CDD – 303.485
– 303.4850981
– 614.981
– 302.4

ISBN

Copyright © Heronides Moura
Copyright © 2023 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

Apresentação	7
1. Como reagimos à pandemia: medo, moralidade e metáforas	13
1.1 As motivações por trás das metáforas sobre pandemias	13
1.2 Medo e repulsa	23
1.3 Moralidade e política na pandemia	29
1.4 Valores morais por trás do movimento contra a vacina.....	33
1.5 Quem nos defende em tempos de pandemia?.....	40
1.6 A pandemia é dos outros! Identidade e política	46
2. Metáforas na pandemia.....	51
2.1 Definição e alcance das metáforas.....	51
2.2 Efeitos das metáforas sobre câncer e Aids	76
2.3 Metáforas sobre o coronavírus e sobre a covid-19	81
2.4 As metáforas do <i>corpus</i> MCM	91
3. A política na pandemia	105
3.1 Os conservadores e a covid-19 no Brasil	105
3.2 Manipulação e controle da mente.....	108
3.3 Uma fábula moral.....	122
3.4 A moralidade dos conservadores.....	125
3.5 Conservadorismo e identidade social	148
3.6 O poder das metáforas. Conservadorismo nos Estados Unidos e no Brasil	164

Conclusão	185
Referências bibliográficas	189

APRESENTAÇÃO

O novo governo Lula, que assumiu em janeiro de 2023, encontrou o sistema de saúde pública brasileiro destruído, com inúmeras deficiências provocadas pela gestão do ex-presidente Bolsonaro.

Além das mortes causadas pela pandemia, o sistema de saúde pública, o SUS, apresenta agora um emaranhado de problemas que os especialistas e gestores públicos estão trazendo à tona, em diferentes estudos e relatórios.

Um dos principais problemas identificados é a queda brutal nos índices do programa nacional de vacinação, os quais foram declinando ano a ano durante o governo passado. Em 2019, o índice geral de vacinação era de 73%, caindo para 67% em 2020 e 59% em 2021. O índice de vacinação das crianças caiu de 93,1% em 2019 para 71,5% em 2021.¹ Em 2021, apenas 71% do público-alvo da vacinação contra a pólio foi alcançado, o índice mais baixo desde 1995.² Com esse novo quadro, o Brasil se converteu, lastimavelmente, de país-modelo em programas de vacinação em um país problemático na área vital da saúde pública.

Outra grave herança do governo Bolsonaro é o aumento da taxa de mortalidade materna durante o parto, que passou de 55,3 mortes

¹ Ventura, 2023.

² Massuda *et al.*, 2023.

por 100 mil partos em 2019, para 110,2 mortes por 100 mil partos em 2021.³

Por razões ideológicas, o governo federal do período anterior havia fechado o departamento de HIV/Aids, prejudicando os programas de saúde voltados para essa área. A ministra da Saúde do atual governo Lula, Nísia Trindade Lima, restabeleceu esse importante departamento.⁴

A situação dramática da saúde pública do povo Yanomami trouxe à luz a péssima gestão do governo Bolsonaro também no que concerne à saúde indígena. Além disso, a coordenação nacional do SUS, realizada tradicionalmente pelo Ministério da Saúde, foi desmantelada por esse governo, dificultando ou impedindo a implementação de programas nacionais de saúde pública.⁵ Com isso, programas importantes foram prejudicados, e os índices de saúde decaíram. Houve um incremento da desnutrição infantil, e programas como o fornecimento gratuito de remédios foram descontinuados ou diminuíram de tamanho.⁶

Bolsonaro estabeleceu uma cisão entre seu governo e os cientistas, prejudicando gravemente a implementação de programas de combate à pandemia. Além disso, a pandemia de covid-19 agravou a situação dos doentes crônicos no Brasil.⁷

A ausência de uma coordenação nacional de combate à pandemia facilitou a disseminação do vírus. Estudos mostraram que as regiões do Brasil que adotaram medidas sanitárias mais rígidas apresentaram

³ *Idem.*

⁴ *Idem.*

⁵ *Idem.*

⁶ Ventura, 2023.

⁷ Rodrigues, 2022.

um número inferior de mortes em relação às regiões que adotaram em menor grau tais medidas.⁸

Todos esses dados expõem à luz do dia o legado terrível do governo anterior na área da saúde. Neste livro, tentei mostrar que a situação poderia ter sido ainda pior caso o discurso contra a vacina e contra a ciência tivesse dominado completamente a linguagem e a política dos tempos de pandemia. As análises que realizei mostram que não foi isso que aconteceu. O estudo da linguagem sobre a covid-19, em especial a análise das metáforas, permitiu mostrar que o vírus era representado como um inimigo a ser derrotado, como um bandido que ameaçava o Brasil. E, nesse enquadramento da pandemia como uma guerra entre nós e o vírus, não havia espaço (ou, pelo menos, esse espaço era estreito) para um discurso que recusava e menosprezava uma arma vital contra o inimigo. Como não fazer uso dessa arma importante que é a vacina, se, de um modo geral, o vírus era visto como um inimigo perigoso, sempre à espreita?

A política é baseada em ações, mas também em palavras, que evocam imagens e emoções. O que as análises deste livro mostram é que o discurso radical de Bolsonaro não conseguiu se impor às imagens mais dominantes de um combate entre o vírus e a comunidade. Entendo que, caso o discurso contra a vacina tivesse sido hegemônico, os efeitos da pandemia teriam sido muito mais devastadores.

A questão é que é muito difícil para um líder político fazer a comunidade aceitar uma posição de inércia e de recusa, quando o corpo social se sente ameaçado por um agente externo poderoso e letal.

⁸ Taylor, 2021.

Tentei mostrar que, para o discurso negacionista ter sucesso, é necessário um processo extremado de criação de uma comunidade imaginária, que se afasta e se isola do corpo social mais amplo. Essa comunidade imaginária se considera mais pura e mais forte que o resto da população e, como tal, menos vulnerável ao ataque de um “simples” vírus. Outras situações históricas, estudadas no livro, mostram que apenas um deslocamento simbólico brutal pode extirpar do povo o medo da contaminação. A resposta mais esperada, em tempos de pandemia, é a ansiedade e a busca de proteção.

Bolsonaro, como líder populista da direita radical, tentou criar uma comunidade imaginária de seres puros, que não seriam vulneráveis ao vírus. Mas esse discurso, como eu disse, não se impôs por completo no Brasil, como pode ser visto nas análises conduzidas no livro. Para que um tal discurso negacionista e fortemente identitário se imponha, é preciso que a sociedade já esteja fortemente cindida. Os Estados Unidos parecem, hoje, um país mais favorável a tal tipo de discurso divisionário, como mostramos no livro.

No Brasil, apenas um grupo minoritário embarcou completamente na ideologia negacionista de Bolsonaro, mas esse número foi consideravelmente menor que o número de eleitores dele. É muito difícil convencer uma população de que uma ameaça mortal não é algo que deva ser temido e enfrentado. É muito difícil se convencer de que um bandido perigoso que ataca teu vizinho não vai te atacar também, apenas porque teu vizinho é diferente e não compartilha o teu modo de vida. O vírus bandido foi encarado como uma ameaça contra todos.

Minha intenção, ao escrever este livro, foi mostrar que o uso da linguagem é uma janela importante para entender como o imaginário político se constrói. O estudo das metáforas sobre a covid-19 me levou a conclusões sobre a ação de Bolsonaro que não são, talvez, as mais comuns no campo da esquerda.

Por mais avesso que eu seja às ideias do ex-presidente da República, não concordo com a interpretação de que ele tenha simplesmente posto em prática, no Brasil, a necropolítica. Segundo a definição de Mbembe,⁹ o soberano, na necropolítica, exerce o poder de “ditar quem pode viver e quem deve morrer”. Com base nesse conceito, pode-se apressadamente concluir que Bolsonaro agiu de acordo com os ditames da necropolítica e condenou milhares de brasileiros a uma morte infame. Não vejo lógica nessa explicação, pois, nesse caso, o ex-presidente estaria condenando à morte os seus próprios partidários, ou seja, os negacionistas da vacina. Paradoxalmente, ele deixaria os esquerdistas sobreviverem (pois, afinal, a vacina terminou sendo disponibilizada para todos) e provocaria a morte em massa dos conservadores que não tomassem a vacina. De fato, o índice de mortalidade foi muito maior entre os não vacinados. Muitos bolsonaristas radicais morreram por não tomar a vacina.

Como eu disse, a explicação necropolítica, nesse caso, não faz nenhum sentido, pois nenhum líder deseja matar seus próprios partidários. Um autocrata mata os seus inimigos, não os seus amigos. Há, assim, uma contradição intrínseca na explicação do negacionismo pela necropolítica.

A meu ver, a explicação se dá por uma radicalização da identidade do “povo”. Um povo de escolhidos, de conservadores, arvora-se uma pureza moral superior. Tal “povo” configura a verdadeira nação. Esse povo de escolhidos se afasta e se isola da comunidade contaminada e se vê imune às infecções dos outros. Há uma raiz religiosa nessa noção de povo escolhido e puro. Não por acaso, uma das principais bases políticas de Bolsonaro tem sido a comunidade evangélica.

Não se trata, a meu ver, do desejo de eliminar literalmente os inimigos, mas do desejo de isolá-los todos (os esquerdistas, os

⁹ Mbembe, 2018.

progressistas, os ateus) em uma ala contaminada e desvalorizada da sociedade.

Só que, como eu disse acima, esse processo de exclusão simbólica e radical do outro é muito difícil de realizar no contexto de uma pandemia, pois uma pandemia gera um medo/pânico nas comunidades atingidas, e o processo mental de colocar-se fora do âmbito da ameaça é custoso e insensato para a maioria das pessoas. Por isso, mesmo muitos bolsonaristas entraram na fila da vacina e tomaram confortavelmente a injeção.

Estudar a linguagem nos permite entender o processo político de uma forma que pode, talvez, superar as dicotomias e simplificações do discurso ideológico.

COMO REAGIMOS À PANDEMIA: MEDO, MORALIDADE E METÁFORAS

1.1 AS MOTIVAÇÕES POR TRÁS DAS METÁFORAS SOBRE PANDEMIAS

A covid-19 foi um terremoto em nossas vidas, mas agora que o tremor de terra já amainou, é possível abordar com mais calma e reflexão um acontecimento tão brusco e inesperado.

Neste livro, tentarei descrever a linguagem usada para falar da pandemia, em especial no Brasil. Entender essa linguagem pode ser um meio bastante rico para compreender o modo como as pessoas pensaram e sentiram a covid-19. Para ancorar a investigação em exemplos reais e que passaram por análises quantitativas, vou, sempre que possível, usar os dados do *corpus* MCM (Metáforas sobre o Coronavírus na Mídia), constituído a partir do *site* <www.folha.uol.com.br>. Esse *corpus* foi elaborado por Alice Ribeiro Dionizio, sob minha supervisão, como parte de sua tese de doutorado, na Universidade Federal de Santa Catarina.¹ No entanto, ao longo do livro, vou me basear também em exemplos e análises realizadas por outras pesquisas.

A linguagem usada para falar da pandemia é marcadamente metafórica, o que revela muito sobre a reação das pessoas à crise

¹ Dionizio, 2022.

sanitária. Aliás, comecei este livro usando uma metáfora: a covid-19 foi “um terremoto”. Essa interpretação do conceito da pandemia como uma outra coisa (no caso, um terremoto) é um dos elementos característicos da forma de falar sobre a covid-19 e sobre o coronavírus. Como afirmam Olza *et al.*, desde o seu início, a compreensão da pandemia foi essencialmente metafórica.²

A pandemia foi (e ainda é) um evento difícil de entender e carregado de forte carga emocional. Esses dois fatores (complexidade do evento e seu poder de instigar fortes emoções) levaram a uma proliferação de metáforas sobre a pandemia e sobre o vírus que a provoca.

Tradicionalmente, doenças e metáforas estão estreitamente ligadas. Tanto doenças não infecciosas, como o câncer, quanto aquelas infecciosas, como a hanseníase (lepra), a *influenza*, a cólera, a Aids e agora a covid-19, foram usualmente descritas em termos metafóricos.

Antes de analisar em mais detalhes o papel das metáforas na linguagem sobre a pandemia, é preciso entender melhor quais são as principais motivações das pessoas durante uma crise sanitária. São essas motivações que provocam o tipo de linguagem usada para falar de doenças e, em especial, das pandemias.

Assim, para entendermos melhor a linguagem usada para falar da covid-19, é preciso antes analisar os diferentes aspectos que estão envolvidos em graves crises sanitárias.

As motivações por trás do uso de metáforas em pandemias são de três tipos: emocionais, morais e sociais. Pandemias provocam medo e repulsa; ativam o sentimento moral da sacralidade e reforçam vínculos sociais dentro de um grupo, com o incremento da oposição entre “nós” e “eles”.

² Olza *et al.*, 2021.

A questão moral é particularmente forte, pois a doença, ainda mais em uma pandemia, agride e afronta nossa dignidade moral, e a reação, muitas vezes, é buscar um culpado, o que intensifica os conflitos sociais.

Essas motivações são pré-rationais e por si já comporiam um contexto bastante favorável ao uso intensivo de metáforas. Todavia, tais elementos pré-rationais se articulam intimamente com questões que devem ser respondidas de uma forma estruturada e mais racional por quem enfrenta uma pandemia. As motivações que ancoram a linguagem sobre a pandemia conectam, de um lado, um conjunto de impulsos psicológicos e sociais, e, de outro, uma premência em tentar enquadrar e explicar o que está acontecendo. Em outras palavras, a linguagem sobre a pandemia deve articular emoção e razão.

Tendemos a ver emoção e razão (ou cognição) como instâncias distintas e separadas. No entanto, essas duas partes de nossa mente estão imbricadas, como mostraram, entre outros, Damasio e Haidt.³

Um dos interesses do estudo da linguagem sobre a covid-19 é justamente perceber como essa conexão entre emoção e razão é intensa e de que forma a separação dos dois planos pode até ser útil como metodologia de análise, mas não indica que tal separação exista de fato. Manterei, aqui, a formulação mais esquemática que separa emoção e razão, mas chamando atenção para a intensa ligação entre elas na linguagem sobre a covid-19, assim como na linguagem sobre outras pandemias.

No plano pré-racional de resposta a uma pandemia, temos, então, sentimentos de medo e repulsa, impulsos morais arraigados e valores de pertencimento a um grupo social. No plano mais racional, as seguintes questões emergem: (i) quem é visto como o causador da pandemia e, portanto, como o culpado por ela; (ii) quem deve

³ Damasio, 1994; Haidt, 2020.

proteger a comunidade contra o ataque da pandemia, devendo ser responsabilizado caso não o faça; (iii) quem é visto como pertencente à comunidade atacada pela pandemia e quem está fora dela.

Em uma pandemia, todos buscamos encontrar respostas sobre quem contamina, sobre quem vai nos proteger da contaminação e se somos ou não parte da comunidade suscetível à contaminação. Essas perguntas estão intrinsecamente ligadas às motivações emocionais e sociais citadas acima. A contaminação causa medo e repulsa, agride nosso senso moral e define o grupo social a que pertencemos.

Tentar identificar quem contamina é um processo cognitivo diretamente ligado ao medo que a doença provoca. Esse processo cognitivo mais racional se insere em um amplo contexto, do qual a emoção é uma parte importante. Uma maneira apropriada de entender isso é considerar que razão e emoção são, ambas, processos cognitivos, de natureza distinta, interagindo juntas em um contexto mental mais amplo.⁴

Essa imbricação de emoção e razão se torna evidente quando analisamos o uso constante de metáforas para descrever doenças e pandemias. As metáforas permitem encapsular em imagens todo o medo e a ansiedade que nos acossam durante a proliferação de uma doença.

Para complicar ainda mais o cenário, a questão política interfere decisivamente na forma como lidamos com uma pandemia.

Como vimos, uma pandemia nos obriga a dar respostas sobre a contaminação. No entanto, grupos sociais e políticos distintos podem dar respostas diferentes às mesmas perguntas, de acordo com sua visão de mundo e seus interesses conflitantes.

Tradicionalmente, os estrangeiros são vistos como os grandes contaminadores, responsáveis pela transmissão de doenças. Definir

⁴ Haidt, 2020.

quem é ou não estrangeiro é, essencialmente, uma questão política. A definição sobre quem faz parte de nossa comunidade, gerando a divisão entre nós e eles, varia de acordo com o contexto político, pois as fronteiras entre nós e eles são mutáveis.⁵

A resposta à questão sobre quem vai nos proteger da contaminação é também essencialmente política. Situações percebidas como ameaçadoras, em virtude do contágio e da contaminação, estimulam a adesão a lideranças que possam estabelecer regras normativas que, aplicadas a todo o grupo, ofereçam mais proteção que a mera solução individual.⁶ Essa adesão ao grupo implica definir quem deve ser a liderança e o que se espera dela, o que é, também, uma questão eminentemente política. Note-se que a reação a uma pandemia nunca é inteiramente individual, pois as diferentes respostas, por mais distintas que sejam, são dadas em conformidade com um determinado grupo social.

Nesse emaranhado de motivações e perguntas que demandam respostas assertivas, as metáforas se apresentam como ferramentas poderosas para articular os aspectos emocionais, morais, sociais e políticos que estão incrustados na linguagem sobre as pandemias.

Neste capítulo inicial, pretendo mostrar como esses diferentes aspectos aparecem sempre articulados. A análise pode (e talvez deva, do ponto de vista metodológico) ser realizada isolando-se algum aspecto específico da resposta à pandemia. Analiticamente, podemos isolar, por exemplo, o fator emocional, mas não se pode perder de vista que o medo provocado por uma pandemia aparecerá sempre conectado com a questão política. E a política durante a emergência de uma pandemia, por sua vez, estará ligada a valores morais.

É por isso que, no contexto de uma pandemia, um mesmo fenômeno, como o movimento antivacina, pode ser analisado

⁵ Snyder, 2021.

⁶ Wu & Chang, 2012, p. 51.

segundo diferentes perspectivas. É possível analisar tal movimento, por exemplo, com base nos valores morais assumidos por ele, pois os participantes desse grupo social se baseiam no princípio da sacralidade moral, que os leva a repelir atos por eles considerados degradantes.⁷ Por outro lado, o mesmo movimento pode ser analisado em termos sociais, com base no fato de que pertencer a um movimento desse tipo pressupõe uma identificação forte com um determinado grupo social e com a consequente negação do pertencimento a um outro grupo, que é percebido como suscetível de contaminação. A separação entre os que aceitam a vacina e os que não aceitam a vacina pressupõe uma barreira social que justifica tal divisão.

Outro ponto importante que temos que ter em mente é que as pandemias são momentos de crise política, e que diferentes fontes de conflito podem emergir em uma crise sanitária. Para os Estados, historicamente, pandemias têm sido uma questão de vida ou morte. Os Estados que conseguem enfrentar com sucesso uma pandemia podem sair revigorados e fortalecidos depois da crise. É o que aconteceu com as Cidades-Estado da Europa, que viveram o seu apogeu entre 1350 e 1550, quando conseguiram controlar a peste negra. Como essas cidades independentes, especialmente na Itália e nos territórios germânicos, possuíam grande autonomia, foram capazes de adotar medidas sanitárias para conter a propagação dessa pandemia.⁸ Por outro lado, Estados que não conseguiram

⁷ Optei por traduzir o termo original (*sanctity*) usado por Haidt (2020) por *sacralidade*. Esse valor moral nos leva a ter repugnância de atos considerados degradantes e que afetam a nossa dignidade e o nosso sentido do que é sagrado. É nesse sentido que falamos em “sacralidade da vida humana”, mesmo que fora de um contexto religioso. Portanto, escolhi o termo *sacralidade* porque o termo *santidade*, em português, é menos abrangente e tem uma conotação religiosa muito marcada.

⁸ McNeill, 1976, pp. 164-165.

controlar pandemias simplesmente desapareceram do mapa.⁹ Foi o que aconteceu com a Dinastia Han, na China, que colapsou no ano 220, período que coincide com uma pandemia de varíola, segundo McNeill.¹⁰

Além de afetarem os Estados como um todo, as pandemias aguçam também os conflitos entre as classes dentro de um Estado e podem promover uma reorganização mais ampla da sociedade. Há um debate, por exemplo, sobre o papel desempenhado pelas pandemias na queda do feudalismo,¹¹ que levou a uma completa reorganização social da Europa.

Os conflitos sociais abrangem, igualmente, as respostas que podem ser dadas às perguntas identificadas mais acima: quem contamina? Quem nos protege? Faço parte ou não da comunidade ameaçada pela contaminação?

Uma fonte de conflito social intenso na história das pandemias era a fuga das elites para suas casas de campo, quando um surto grassava nas cidades. Marselha, um porto no sul da França, era constantemente assolada por pandemias, e os ricos se refugiavam em suas propriedades fora da cidade, deixando os pobres à mercê da contaminação. Segundo Braudel, tal fenômeno ocorreu em várias cidades da Europa. Um exemplo famoso dessa situação é encontrado na obra de Boccaccio intitulada *Decameron*, composta por uma série de narrativas contadas por personagens nobres isolados em uma *villa*, perto de Florença, durante a peste negra.

Londres era constantemente assolada pela peste negra, com a Corte e os ricos fugindo da cidade e abrigoando-se no campo. Em 1593 e 1604, os teatros da capital da Inglaterra foram fechados em

⁹ Denemark, 2022.

¹⁰ McNeill, 1976.

¹¹ Denemark, 2022.

decorrência de surtos da peste negra. Nesses anos, Shakespeare, impossibilitado de apresentar suas peças teatrais, buscou uma nova alternativa de renda na produção de poesia lírica, sob o patrocínio de nobres.¹²

De fato, a peste esteve sempre presente na vida de Shakespeare, o que se reflete em alguns momentos de suas obras. Em *Romeu e Julieta*, ela é citada em dois episódios importantes.

O primeiro deles é a morte de Mercúcio. Trata-se de um amigo de Romeu, que não é parente de nenhuma das famílias (Montéquio e Capuleto) cuja rivalidade leva à tragédia. Mercúcio entra na disputa dessas famílias por puro destempero e, ao ser mortalmente atingido pela espada de Teobaldo, diz: “Rogo uma praga sobre as duas famílias!”. É essa frase que aparece na tradução de Beatriz Viégas-Faria.¹³ Já a frase da versão original é: “A plague o’ both your houses”, cuja tradução literal é: “Uma peste sobre as suas duas casas!”. Ao morrer, Mercúcio lança uma maldição sobre as duas famílias em conflito, desejando que a peste negra (*plague*) caia sobre elas!

O segundo episódio em que a peste (“a pestilência infecciosa”) é citada ocorre no Quinto Ato, Cena 2:

Frei João – Procurei um outro irmão descalço, de nossa ordem, para viajar comigo. Como ele esteve aqui na cidade visitando os doentes, os fiscais da saúde, ao encontrá-lo, suspeitaram que nós dois tivéssemos estado numa casa onde reinava a pestilência infecciosa. Lacraram as portas e não nos deixaram sair. Assim que minha jornada a Mântua não chegou nem mesmo a iniciar-se.¹⁴

¹² Bate, 2010.

¹³ Shakespeare, 1998.

¹⁴ *Idem*, p. 99.